

A ATUAÇÃO DO NARRADOR/PROTAGONISTA EM *DOM CASMURRO*

Verônica Franciele Seidel

A narração em *Dom Casmurro* ocorre em primeira pessoa através da voz da personagem que confere título ao livro. Dom Casmurro narra sua própria história, a história de Bentinho, o qual passa a ser Casmurro no momento em que, em sua casa do Engenho Novo, decide escrever suas reminiscências, dando origem a uma autobiografia ficcional.

O narrador de *Dom Casmurro* está revestido do poder e do espaço de voz dentro do texto, o que lhe confere autonomia e direito de julgamento e de crítica acerca dos fatos narrados. Este narrador encontra-se livre de um tempo cronológico e linear, sendo que lhe é permitido criar um tempo constelar, tempo em que a criação literária se faz. Se tal processo gera erros ou falsificações, estes estão dentro da lógica da ficção (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2010).

É possível estabelecer uma relação intertextual de um fragmento de *Esau e Jacó*, outro romance da autoria de Machado de Assis. Nessa obra há a afirmação de que "O tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro." (cap. XXII, p. 976). Parafraseando esse trecho, pode-se afirmar que toda a narração em *Dom Casmurro* encontra-se sob o jugo da memória, que é arbitrária e seletiva, em função do tempo decorrido entre os fatos e sua narração. "Toda a narrativa [de *Dom Casmurro*] fica marcada pelo tempo e pelo espaço da escritura (da enunciação) e pelo tempo e espaço da memória, num movimento entre o presente e o passado" (CELIDONIO, 2006, p. 119).

Pode-se determinar, assim, a presença de um "eu" da história que se diferencia do "eu" da enunciação. Dom Casmurro, que detém a posição do eu da enunciação, revive suas reminiscências ao contá-las em um livro, sendo que essa memória se refere às emoções de Bentinho, o eu da história, aquele que Dom Casmurro era outrora.

Segundo Gusdorf (1991), o autor de uma autobiografia impõe-se como tarefa contar a sua própria história, reunindo os elementos dispersos em sua vida pessoal e agrupando-os num esquema de conjunto, que, em *Dom Casmurro*, é o atar as duas pontas da vida:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo (cap. II, p. 810).

A partir da leitura desse trecho, já é possível verificar uma falência do narrador/protagonista em atingir seu objetivo de "atar as duas pontas da vida". A imagem do sujeito, a possibilidade de uma essência, é corrompida constantemente pela estruturação ambígua do texto. Em todas as instâncias narrativas, a síntese se torna impraticável. A profunda cisão do sujeito levada a efeito em *Dom Casmurro* é, segundo Saraiva (2009), calcada não só na instituição

de sentidos ambíguos, mas na fundamentação da própria ambiguidade: a "construção ou reconstrução" do sujeito, marcada pelo pronome "eu", funda-se sobre a relação de identidade entre narrador e protagonista (Dom Casmurro e Bentinho). Assim, a situação narrativa, instaurada pelo narrador autobiográfico ou autodiegético, resulta, aparentemente, de um processo de despojamento do eu, de modo a revelar, pela narração, a essência de uma subjetividade. No entanto, ela se constrói não pelo distanciamento, mas pela imbricação profunda entre o sujeito e a própria história. Os fatos que narra, ao mesmo tempo em que foram vividos por Bentinho, são reminiscências (lembranças vagas ou incompletas) de Dom Casmurro, talvez a própria causa da metamorfose Bentinho/Dom Casmurro.

Assim, as vozes "em contraponto chamam a atenção para a presença das posições, quer do autor, quer do leitor dentro do texto e para o poder manipulador de uma certa espécie de autoridade." (SCHNEIDER, 1990, p. 277). Tal autoridade, que assume o poder controlador, revela-se textualmente como construção hipotética, inferida pelo leitor por meio da organização textual. O leitor, portanto, é convocado, no ato da leitura, a ler os elementos mínimos, que apontam para além do que é linear no discurso.

Dom Casmurro, logo ao início da narração, explica o motivo que o levou a escrever o livro:

Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma 'História dos Subúrbios', menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do *Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras?* (cap. II, p. 811).

Da leitura do trecho em questão, pode depreender-se que o narrador esperava que a narração da história da sua vida possibilitasse a resolução de "sombras", de dúvidas que não pode solucionar sozinho. Advém, então, o papel do leitor como atualizador da trama de Dom Casmurro. As lacunas do narrador ("falto eu mesmo, e essa lacuna é tudo"), estendem-se às lacunas do texto:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as publique... Eu, quando leio algum desta outra casta [livro omissis] não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas idéias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinha ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista (cap. LIX, p. 870-871).

"É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas" (cap. LIX, p. 871), para encenar o drama do homem transitório e convocar o leitor a produzir um sentido que escapa até mesmo ao

narrador/protagonista. Como explica Guimarães (2004), "o leitor aparece no romance como uma superfície refletora, espécie de espelho distorcido que devolve para Bento Santiago uma imagem sempre deformada de si mesmo".

Dessa forma, ao mesmo tempo em que espera do leitor uma confirmação a respeito de suas "sombras", o narrador supõe um sentido já determinado, pré-existente, de modo que o leitor apenas ratificaria a partir da leitura da obra: "Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição" (cap. XXX, p. 841).

O narrador "está presente em cada um dos elementos da narrativa e todos são organizados por ele. Capitu, que dominava a personalidade de Bentinho, é dominada pelo narrador Dom Casmurro e não tem a possibilidade de relatar os fatos de sua própria perspectiva" (KOTHE, 1981, p. 35). Capitu, que durante toda a obra, mostra-se superior a Bentinho, "Todas as minhas invejas foram para ela. Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não?" (cap. LXXXIII, p. 892), não recebe espaço para se expressar, de modo que Dom Casmurro, ao arrogar-se o papel de único produtor de sentido de todo o romance, busca a instauração de uma cosmogonia particular, uma verdade única e total em meio às dúvidas que permeiam a trama (HERINGER, 2010).

O julgamento de Dom Casmurro acerca do suposto adultério cometido por Capitu, assim como todo o restante da narração, baseia-se em suposições, desconfianças, lembranças influenciadas pela memória: "E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos" (cap. XII, p. 821); "Capitu não parecia crer nem descrer, não parecia sequer ouvir; era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. Essa criatura que brincara comigo, que pulara, dançara, creio até que dormira comigo..." (cap. XVIII, p. 827); "Capitu, cosida às saias de minha mãe, não atendia aos olhos ansiosos que eu lhe mandava; também não parecia escutar a conversação sobre o seminário e suas conseqüências" (cap. XXXIX, p. 851); "Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si mesma, enquanto que eu fitava deveras o chão" (cap. XLII, p. 855); "Capitu fez um gesto de impaciência. Os olhos de ressaca não se mexiam e pareciam crescer" (cap. XLIII, p. 855); "Se, como penso, Capitu não disse a verdade..." (cap. XLVII, p. 859); "Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu" (cap. LXII, p. 874); "Também me lembra, vagamente, que lhe expliquei [para Capitu] a minha visita à Rua dos Inválidos..." (cap. LXXXII, p. 891); "Não obstante, achei que Capitu estava um tanto impaciente por descer" (cap. CII, p. 909); "É certo que Capitu gostava de ser vista" (cap. XIII, p. 918); "Capitu estava melhor e até boa. Confessou-me que apenas tivera uma dor de cabeça de nada, mas agravara o padecimento para que eu fosse divertir-me. Não falava alegre, o que me fez desconfiar que mentia, para não me meter medo, mas jurou que era a verdade pura" (cap. CXIII, p. 919); "Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma" (cap. CXXIII, p. 927); "O que se passava entre mim e Capitu naqueles dias sombrios, não se notará aqui, por ser tão miúdo e repetido, e já tão tarde que não se poderá dizê-lo sem falha nem canseira" (cap. CXXXII, p. 932); "Desta vez, ao dar com ela, não sei se era dos meus olhos, mas Capitu pareceu-me lívida" (cap. CXXXVIII, p. 937).

Ao término da narração, Dom Casmurro, ainda necessitado de convencer a si e ao leitor do acontecimento do adultério, conferindo um *status* de culpa a Capitu, enuncia:

... se te lembras bem [leitor] da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca... E bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à 'História dos Subúrbios' (cap. CXLVIII, p. 944).

Daí a necessidade de confirmação através do leitor, de sanar dúvidas, "sombra" do seu passado, que não lhe permitem ter certeza acerca de sua própria vida, dos fatos que viveu e que o determinam e delimitam enquanto sujeito: "Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo (cap. II, p. 810).

Contada essa história, convencido e convencendo que era o detentor da razão, de que sua versão sobre os fatos prevaleceria, o narrador/protagonista propõe-se, então, a iniciar a "História dos Subúrbios", preterida por ele anteriormente. É como se o narrador, Dom Casmurro, necessitasse esclarecer e compartilhar as "sombra" que o corroíam, através da confirmação do leitor, para que pudesse se desvencilhar do passado com todas as suas reminiscências, viver o presente e seguir, agora, com a "História dos Subúrbios"

Pode-se perceber, então, que o sentido produzido acerca da leitura da obra é passível de questionamento se levada em conta a estruturação do processo narrativo (HERINGER, 2010). E que a narração se dá a partir do presente, um presente vivido com sua carga de insegurança, arrastado pelo movimento que une passado e futuro (CELIDONIO, 2006), e é permeada por marcas oriundas da memória e pelo próprio ato da enunciação.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1997.

BRANDÃO, R. S.; OLIVEIRA, J. M. **O escritor é, antes de tudo, um leitor**. *Machado de Assis em linha*, ano 3, nº 5, junho de 2010.

CELIDONIO, E. P. **A paternidade em Dom Casmurro**: ocultamentos e revelações. 2006. 216f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GUIMARÃES, H. S. **Os leitores de Machado de Assis**: o romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin: EdUSP, 2004, p. 223.

GUSDORF, G. **Condiciones y limites de la autobiografia**. In: *La autobiografia e sus problemas teóricos*: estudos y investigación documental. Antropos, Barcelona, nº 29, p. 9-17, dezembro de 1991.

HERINGER, V. **Diálogos em falência**: o sagrado e o profano em Dom Casmurro. *Machado de Assis em linha*, ano 3, nº 6, dezembro de 2010.

KOTHE, F. R. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortês, 1981, p. 35.

SARAIVA, J. A. **O circuito das memórias**: narrativas autobiográficas romanescas de Machado de Assis. São Paulo: Nankin: EdUSP, 2009, p. 95.

SCHNEIDER, M. **Ladrões de palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Trad. Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p. 277.